

# LADAINHA DA FAMÍLIA PERNA: RELIGIOSIDADE POPULAR, NA CIDADE DE ABAETETUBA-PA

## E LITANY OF THE PERNA FAMILY: POPULAR RELIGIOSITY, IN THE CITY OF ABAETETUBA-PA

Igor Richard Ferreira Perna <sup>1</sup>  
Alexandre Cals Augusto e Souza <sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo analisa a tradição da Ladainha da Família Perna, situada no município de Abaetetuba (PA), entendida como expressão de fé e memória coletiva. A pesquisa, de caráter qualitativo e com abordagem etnográfica, objetiva compreender os significados atribuídos à prática da Ladainha como prática educativa e reconhecimento. A partir do relato de vida de uma das organizadoras da festividade, evidencia-se a relevância dessa tradição para a valorização da cultura local, a construção identitária e os processos educativos que transcendem o ambiente escolar. Por fim, foi possível perceber que a Ladainha é um elemento central e religioso dentro da Festividade, atua como mecanismo de transmissão de valores e conhecimentos intergeracionais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ladainha da Família Perna, Festividade, Abaetetuba, Cultura e Educação.

### ABSTRACT

This article analyzes the tradition of the Perna Family Litany, located in the municipality of Abaetetuba, Pará, understood as an expression of faith and collective memory. This qualitative, ethnographic research aims to understand the meanings attributed to the practice of the Litany as an educational practice and a symbol of recognition. Based on the life story of one of the festival's organizers, the relevance of this tradition for the appreciation of local culture, identity construction, and educational processes that transcend the school environment is highlighted. Finally, it was possible to perceive that the Litany is a central and religious element within the Festival, acting as a mechanism for the transmission of values and knowledge between generations.

**KEYWORDS:** KEYWORDS: Perna Family Litany, Festival, Abaetetuba, Culture, and Education.

---

1. Pedagogo  
2. Doutorado em Educação

## INTRODUÇÃO

Entre as diversas expressões litúrgicas da fé Católica Apostólica Romana, destaca-se a prática da Ladainha como uma manifestação de espiritualidade coletiva, especialmente presente nas comunidades tradicionais de quilombolas e ribeirinhos da Amazônia paraense. No município de Abaetetuba, essa tradição religiosa ainda se mantém viva, sendo promovida por famílias católicas ou por grupos comunitários ligados à Igreja, como uma forma de invocação à Santíssima Trindade — representada por Deus Pai, Jesus Cristo e o Espírito Santo —, à Virgem Maria e aos santos de devoção popular.

A tradição da Ladainha remonta ao século XVI na Europa, com registros da sua primeira execução oficial no santuário Lauretano, em 10 de dezembro de 1531, na Itália. Desde então, o texto original passou por diversas modificações, incluindo o acréscimo de novas invocações e adaptações que variaram conforme a realidade sociocultural de diferentes comunidades (SILVA, 2012). No Brasil, e particularmente em Abaetetuba, a Ladainha passou a incorporar elementos locais, refletindo os modos de vida, as crenças e a resistência de comunidades periféricas e interioranas. A versão praticada pela Família Perna — foco desta pesquisa — é uma dessas expressões vivas do Catolicismo popular, mantida por gerações como forma de agradecimento e renovação da fé.

Este estudo parte de uma abordagem qualitativa, segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem.

Para mais, utilizamos a etnografia como principal guia metodológico. Através da observação participante, do registro de experiências vividas e da realização de entrevistas semiestruturadas, buscou-se compreender como essa tradição foi mantida, reformulada e ressignificada ao longo do tempo. A escolha pela etnografia permite, conforme Burke (1992), uma “história vista de baixo”, onde as vozes de sujeitos comuns, muitas vezes silenciadas pela história oficial, ganham centralidade e legitimidade como fontes para a construção do conhecimento histórico e cultural.

A metodologia da história oral também desempenha papel fundamental neste trabalho. Conforme Alberti (2014), trata-se da realização de entrevistas gravadas com pessoas que vivenciaram ou testemunharam acontecimentos relevantes no passado ou no presente, permitindo a construção de uma memória coletiva a partir das narrativas individuais. A memória, como afirma Bosi (1974), é uma ponte entre o vivido e o recordado, sendo o indivíduo o agente que seleciona e transmite o que considera significativo dentro de um “tesouro comum”.

Nesse contexto, a principal colaboradora desta pesquisa é a senhora Bárbara Perna, de 60 anos, católica, moradora do bairro São Lourenço, em Abaetetuba. Dona de casa e pertencente à classe trabalhadora, ela é atualmente a organizadora da Festividade de São José realizada por sua família. Sua narrativa é permeada por lembranças afetivas, heranças de seus avós e pais já falecidos, e expressa um profundo vínculo com a tradição da Ladainha, que representa não apenas fé, mas também pertencimento, resistência e identidade.

A entrevista com Dona Bárbara ocorreu de forma semiestruturada, utilizando um roteiro prévio de perguntas, com abertura para reformulações durante a conversa. Conforme Triviños (1987), esse tipo de entrevista permite que novas hipóteses emergam a partir das respostas dos interlocutores, ampliando o alcance interpretativo da pesquisa.

A aplicação da História Oral permitiu resgatar e valorizar a memória como instrumento de resistência cultural. Conforme reforçam Bosi (1974), Paul Thompson (2002) e Michael Pollak (1992), a memória individual, quando registrada e compartilhada, contribui para a construção de uma identidade coletiva. Nesse sentido, a voz de Dona Bárbara não é apenas uma narrativa pessoal, mas representa um saber comunitário transmitido de geração em geração. Em contextos populares e periféricos, onde os registros oficiais tendem a invisibilizar esses sujeitos, a memória torna-se uma ferramenta política, de preservação da cultura e de afirmação da existência.

Além disso, este trabalho busca reconhecer o papel das mulheres como protagonistas da religiosidade popular e da cultura local, muitas vezes invisibilizadas nos estudos sobre fé e tradição. Ao escutar a narrativa de Dona Bárbara, compreende-se como as mulheres são também guardiãs da memória, articuladoras da fé e responsáveis por manter viva a Ladainha como prática espiritual, pedagógica e comunitária.

Por fim, ao abordar a Ladainha da Família Perna como prática cultural viva, este estudo insere-se nos campos da História Cultural, da Educação Popular e dos Estudos sobre Patrimônio Imaterial, contribuindo para a valorização das manifestações locais que constroem a diversidade cultural brasileira. O reconhecimento da Ladainha como espaço educativo e de produção de sentido social permite ampliar o debate sobre os modos plurais de aprender, ensinar e viver a fé fora dos muros da escola e das instituições oficiais.

O artigo está dividido em três tópicos, consequentemente: Conceito e os aspectos históricos da Ladainha, o que é uma festividade e como funciona e por fim a Ladainha na atualidade e sua relação com a educação e a política cultural.

## 1 O conceito e os aspectos históricos da Ladainha

Segundo o IBGE a cidade Abaetetuba, localizada na região Norte do estado de Pará (PA), é uma cidade com uma população de 158.188 [2022], segundo o último censo, e uma área territorial de 1.610,654 [2022] km<sup>2</sup>. Conhecida pelos seus abaetetubense, destaca-se pelo bioma Amazônia [2019] e um PIB per capita de R\$ 12.150,04 [2021]. Levantando estudo pessoal, por ser morador, Abaetetuba tem aproximadamente 15 bairros, mais de 70 ilhas e mais de 35 ramais espalhas nas estradas da região, além de ter um distrito chamado Beja.

A história regional do município de Abaetetuba, no estado do Pará, remonta às suas origens coloniais e à forte presença da religiosidade popular. Segundo registros históricos, no dia 8 de dezembro de 1724, o navegador Azevedo Monteiro, em viagem fluvial de reconhecimento, foi surpreendido por uma violenta tempestade e precisou desviar sua rota, aportando às margens do rio Marataúira. Diante do ocorrido, cumpriu uma promessa feita a Nossa Senhora da Conceição, erguendo uma capela em sua homenagem, tomando posse da área e posteriormente comunicando o fato ao governo sediado em Belém (ABAETETUBA, 2023).

Abaetetuba, ainda respira a religiosidade e a cultura, outro exemplo disso que ela é reconhecida por sua intensa produção cultural e artística, que abrange música, literatura, teatro, danças folclóricas e, especialmente, o artesanato – com destaque para o brinquedo de miriti, amplamente utilizado nas comemorações do Círio de Nazaré e reconhecido internacionalmente como uma das mais expressivas manifestações do artesanato popular brasileiro.

Como chegou à Ladainha da Europa na região amazônica? No contexto da formação cultural e religiosa da região, destaca-se o papel fundamental dos missionários jesuítas na disseminação do catolicismo entre os povos nativos. Conforme Brandão (2010), os jesuítas incorporaram práticas como cantos, danças e ensinamentos religiosos aos processos catequéticos. Essas práticas incluíam o ensino das ladainhas em latim, como forma de inculcar os dogmas da fé cristã, utilizando, inclusive, elementos da cultura nativa, como ritmos e instrumentos musicais locais. A música, nesse cenário, cumpria um papel pedagógico e simbólico, tornando-se instrumento de dominação e, ao mesmo tempo, de ressignificação cultural.

As ladainhas, nesse contexto, funcionam como instrumentos de mediação entre fé e cultura. O conceito de *passeurs culturels* (mediadores culturais), elaborado por Gruzinski e discutido por Fonseca (2003), é fundamental para compreender esse processo. Esses mediadores, que podem ser pessoas, objetos ou práticas, atuam como catalisadores de sentidos, contribuindo para a circulação de saberes e para a construção de identidades em contextos diversos.

Nesse sentido, as ladainhas representam práticas culturais que ultrapassam o âmbito litúrgico, configurando-se como expressões da memória coletiva e da educação informal. São,

portanto, manifestações que podem ser analisadas sob a ótica da História Cultural, conforme defende Chartier (1990), ao compreender a cultura como um conjunto de práticas significativas que envolvem a produção, a circulação e a apropriação de sentidos.

A Ladainha constitui a parte religiosa de uma Festividade. Trata-se de uma celebração estruturada em forma de rito, conduzida pelo capitulante, responsável por organizar e guiar o momento. A sequência litúrgica geralmente inicia-se com o canto de abertura, seguido pelo momento de perdão, invocação ao Espírito Santo, proclamação do Evangelho, homilia, recitação da ladainha e, por fim, o canto de encerramento.

Esse início apresenta semelhança com a celebração da Santa Missa, pois é realizado em língua portuguesa e segue uma ordem ritualística. No entanto, diferentemente da Missa, não há a Oração Eucarística; em seu lugar, entoa-se a ladainha, que pode ser cantada em português ou em latim — sendo esta última a forma mais tradicional.

Compreender a Ladainha na Cidade de Abaetetuba como uma prática educativa permite reconhecer o valor de saberes populares, muitas vezes invisibilizados pelas formas tradicionais de escolarização. Trata-se de uma educação que se dá no cotidiano, no espaço doméstico e comunitário, por meio da oralidade, da convivência intergeracional e da experiência ritualística. Como destaca Freire (1996), “não há saber mais ou saber menos, há saberes diferentes”, e é nesse sentido que a Ladainha se torna um instrumento pedagógico, de formação da fé e da cidadania cultural.

Ao abordar o conceito de Ladainha, foi realizada uma entrevista com Bárbara Perna, integrante da Família Perna, guardiã da tradição na cidade de Abaetetuba. Segundo seu relato:

“Ladainha pra mim é um conjunto de invocações cristãs, muito usada por nós católicos e pelos nossos antepassados, em forma de orações, faladas, cantadas. Elas eram muito rezadas pelos homens, que faziam a primeira voz, o capitulão chefe, que era o coordenador. As mulheres eram simplesmente as pegadeiras de reza, como chamavam, que respondiam em formas faladas ou cantadas.”

A partir do contato com essa tradição viva, percebe-se como a oralidade é central para a manutenção e a transmissão desse patrimônio imaterial. Como afirma Silva (2012), o gênero *ladainha* constitui-se como uma oração de súplica, marcada pela repetição litúrgica (“ora pro nobis” – rogai por nós), sendo utilizada como forma de intercessão junto aos santos, especialmente quando a realização da missa era difícil, devido à ausência de padres nas comunidades ribeirinhas e de difícil acesso.

A prática das ladainhas, assim como outras expressões da religiosidade popular, configura-se como um fenômeno de troca cultural entre nativos e colonizadores. Cantar ou rezar ladainhas é um rito profundamente enraizado na cultura brasileira, transmitido de geração em geração, com alterações ao longo do tempo, mas mantendo sua função simbólica, espiritual e social. Isso se confirma na história da Ladainha de São José, promovida pela Família Perna,

cuja origem está relacionada a uma promessa feita diante de um milagre de cura, perpetuando-se como agradecimento coletivo e ritual de fé.

Bárbara ainda relata sua trajetória pessoal dentro da prática:

“A minha relação com a Ladainha vem de berço, desde que eu me entendo por gente. Sempre ouvi o Papai cantar a Ladainha, sempre acompanhei. Acompanhamos as festividades católicas que tinham, né? Em família, nós rezávamos a novena de Perpétuo Socorro, foi daí que começou a minha preparação para hoje eu ser uma capitulante de Ladainha. O capitulante seria a pessoa que toma a frente, a celebrante que conduz a reza e o canto da Ladainha.”

Esse testemunho reforça a importância da prática como um espaço de formação identitária e cultural. A Ladainha, mais do que um canto religioso, é uma linguagem que comunica experiências, afetos e saberes. Trata-se de um código simbólico que ultrapassa as barreiras da linguagem verbal, incorporando gestos, memórias, modos de vida e de rezar.

As famílias ou comunidades em Abaetetuba realizavam a Ladainha nos seus cultos, pois no passado, os padres costumavam visitar as comunidades apenas uma vez ao ano, o que levou os moradores a desenvolverem práticas religiosas próprias, como a criação de cantos devocionais (entoações) para as ladainhas, muitas vezes mesclando o latim com o português. Os instrumentos, feitos artesanalmente, acompanhavam essas rezas e garantiam a musicalidade e espiritualidade do momento.

De acordo com Nascimento e Paula (2014), por muito tempo a Igreja Católica celebrou suas cerimônias em latim, com o padre de costas para a assembleia. No entanto, essa prática tornava o culto incompreensível para os fiéis. Após o Concílio Vaticano II, em 1962, foi determinada a celebração das missas na língua local, com o sacerdote voltado para o povo. Essa mudança facilitou o envolvimento dos fiéis nas celebrações e pode ter contribuído para a maior interação entre práticas populares e a liturgia oficial. Por isso, observa-se nas ladainhas da Família Perna uma fusão entre elementos da tradição católica e da religiosidade popular local.

A educação, nesse contexto, cumpre papel essencial para o reconhecimento e a valorização dessas práticas. A partir do diálogo entre História Cultural e História da Educação, é possível compreender a Ladainha como uma forma de educação não formal, que acontece fora dos muros escolares, mas que é profundamente formadora.

Por fim, destaca-se que a realização da Ladainha, que é a parte religiosa, está inserida em um conjunto mais amplo de práticas que compõem a *festividade* local. Os moradores organizam enfeites, barracões, mastros, fogos e bandinhas com ritmos próprios, integrando elementos de arte, fé, ciência popular e filosofia de vida. Esse conjunto celebra a memória, a identidade e o pertencimento. A Família Perna, ao manter viva a tradição da Ladainha em Abaetetuba, desempenha um papel essencial na preservação do patrimônio imaterial da região, sendo referência de resistência cultural e de religiosidade popular na Amazônia paraense.

## 2. O que é uma Festividade e como funciona?

Segundo Bezerra (2009), o município de Abaetetuba tem sua economia tradicionalmente baseada nas atividades da pesca, do extrativismo — especialmente do açaí — e na agricultura familiar. Historicamente, a maior parte da população residia em áreas rurais e nas ilhas, em função dessas práticas produtivas. No entanto, com a modernização e a inserção mais intensa da lógica capitalista, novas oportunidades de trabalho e renda emergiram na sede do município, provocando um movimento migratório do interior para a zona urbana. Com esse deslocamento, as populações trouxeram consigo seus costumes, crenças e práticas culturais — entre elas, as ladainhas, as festividades religiosas.

Essas expressões culturais representam elementos fundamentais da identidade local e da memória coletiva, revelando modos próprios de viver e de celebrar a fé. No entanto, apesar de sua importância simbólica, observa-se a ausência de políticas públicas voltadas à valorização e ao fomento dessas manifestações no âmbito municipal. A falta de reconhecimento institucional contribui para o enfraquecimento de tradições que, embora persistam pela força da oralidade e da fé comunitária, carecem de visibilidade e apoio.

No decorrer da entrevista, Dona Bárbara Perna relatou com emoção a origem da tradição familiar, enfatizando a devoção e a promessa feita por seus antepassados:

“Nós temos na nossa família a devoção, a festividade de São José, que veio lá do Rio Cutuinga, onde eu ainda nem era nascida. Aqui em Abaetetuba, nós veneramos há 54 anos. Essa devoção a São José vem de uma promessa feita pela minha avó e pelo meu pai, quando meu irmão José Antônio, que tinha 4 anos de idade, foi desenganado pelos médicos por causa de uma doença. Hoje, graças a Deus, o José está vivo, com 69 anos!”

A tradição da Ladainha da Família Perna remonta a aproximadamente 70 anos, quando João Perna e Maria Terezinha, residentes na zona rural do município de Abaetetuba, no estado do Pará, constituíram família. O casal teve, entre outros filhos, José Antônio, o segundo filho, que viria a ser a figura central no surgimento da festividade religiosa que se tornaria tradição familiar e comunitária.

Aos quatro anos de idade, José Antônio foi acometido por um grave problema de saúde, diagnosticado posteriormente como "nó na tripa", condição hoje conhecida na medicina como torção intestinal, ou vólvulo. Trata-se de uma emergência médica caracterizada pela torção de uma parte do intestino, causando obstrução e impedindo o fluxo sanguíneo adequado. A doença, se não tratada prontamente, pode levar à necrose intestinal e até o óbito.

Diante da gravidade do quadro, os pais do menino buscaram tratamento na capital do estado, Belém do Pará, esgotando todos os recursos médicos disponíveis à época. Mesmo com

todos os esforços, os médicos deram um parecer desanimador: José Antônio não resistiria à doença. Em meio à dor e à resignação, João e Maria decidiram retornar à sua casa, localizada na comunidade de Cutininga, interior de Abaetetuba.

No entanto, antes de embarcarem de volta, ainda no trapiche da cidade, um amigo da família sugeriu que consultassem o "Contente", um conhecido curandeiro local que preparava e receitava medicamentos à base de ervas. João Perna, movido pela esperança, aceitou o conselho e levou o filho até o referido curandeiro. Após a consulta, receberam a prescrição de um remédio natural, e a família retornou ao interior.

Diante da incerteza e da fé, a avó de José Antônio fez uma promessa: caso o menino se recuperasse, a família realizaria todos os anos a Ladainha, a Festividade de forma mais geral, em honra a São José — santo que dá nome ao menino — como forma de agradecimento pela graça alcançada.

Com o uso do remédio e a fé da família, José Antônio começou a apresentar sinais de melhora: alimentava-se, evacuava normalmente e recuperava gradativamente sua saúde. A partir desse episódio, como cumprimento da promessa feita, a família iniciou a tradição da Ladainha de São José, realizada anualmente como expressão de gratidão.

Inicialmente celebrada no interior de Abaetetuba, a festividade acompanhou a família no processo de migração para a área urbana, motivado por transformações socioeconômicas e industriais da região. Mesmo com a mudança de localidade, a devoção foi mantida, sendo transmitida de geração em geração.

Com o passar do tempo, a tradição familiar ganhou dimensão comunitária. Amigos, vizinhos e moradores do entorno passaram a participar das celebrações, muitos relatando também ter recebido graças e bênçãos atribuídas à devoção a São José. A cada ano, a festividade se fortalece, agregando mais participantes, consolidando-se como uma manifestação religiosa popular que ultrapassou os limites familiares e se tornou referência de fé e cultura na cidade de Abaetetuba.

Inspirados em Paulo Freire, é possível afirmar que a ladainha representa uma prática da educação popular, pois nasce da experiência do povo e carrega consigo um profundo conteúdo formativo. Os ensinamentos são transmitidos oralmente, por meio do exemplo e da convivência entre as gerações. Cada gesto, canto, enfeite ou oração é carregado de sentido, formando um tecido educativo coletivo. Ao organizar e participar da Festividade, os moradores não apenas celebram sua fé, mas também desenvolvem capacidades como cooperação, organização comunitária e consciência histórica. Nesse contexto, cultura e educação se entrelaçam como práticas emancipadoras, onde o saber local é reconhecido como legítimo e potente.

Durante a entrevista, foi questionado à entrevistada como se organiza atualmente a Festividade de São José promovida pela Família Perna. Ela explicou:

“Durante as noites de reza, de nove a dezenove, nós rezamos todas as noites acompanhadas de banda, ladainha cantada, onde nós recebemos todos os amigos, vizinhos, devotos de São José. E depois da ladainha, nós servimos o tradicional munguzá, temos bingo, temos a tiração do mastro, que marca o encerramento da nossa Festividade. Também nós já temos as camisas que são feitas para os notários, devotos de São José, aqueles que querem acompanhar o círio, a procissão, até mesmo as noites da festa. Nós temos muitos agradecimentos no decorrer das noites e noites, tantas graças alcançadas, vários devotos que vêm pagar suas promessas, fazer os seus agradecimentos a Deus.”

A Festividade de São José da Família Perna, realizada há cerca de seis décadas, compreende onze noites de ladainhas, de 9 a 19 de março todos os anos, com uma programação que integra elementos religiosos e culturais, como a reza, a folia, a cerimônia do mastro, a construção da ramada, a preparação de comidas típicas e diversas atividades de confraternização.

O aspecto cultural da festividade também é bastante evidente. Elementos como a ramada — estrutura decorativa feita com bandeirinhas coloridas de papel de seda — e o mastro — um tronco enfeitado com a bandeira do santo e frutas — simbolizam fartura, fé e alegria. Além disso, a festividade inclui a preparação de comidas típicas, a realização de bingos, leilões para arrecadação de recursos e muita música. Tudo isso compõe um evento que é, simultaneamente, momento de fé, confraternização, reencontro e expressão cultural.

Ao ser questionada sobre a ramada, a entrevistada Bárbara Perna explicou:

“A ramada também, ela vem de tradições de festividade muito antigas, né? Hoje em dia tem festividade que já usa colocar uns panos de decoração, já usa colocar enfeites de TNT. Mas a verdadeira ramada do tempo antigo, ela é do papel de seda. É preparada, aquele desenho, para fazer aquela ramada amarrada fio por fio, pregada bandeirinha por bandeirinha, que é feita e decorada do papel de seda, com várias cores. A ramada é bonita, aquela ramada colorida, onde tem um tema. Na nossa família, graças a Deus, nós temos as pessoas certas para fazer aquele que é feito mastro, aquele que faz o desenho da ramada e que vai decorar, que no caso é o meu irmão, o Raimundo José, que é o kaká, ele que faz esse trabalho com muita dedicação. É uma criação muito bem elaborada e marca também que ali vai ter uma festividade, que aquele lugar está preparado para receber as bênçãos do Senhor, das ladainhas, que a gente reza todas as noites, aí está preparado para receber os amigos, vizinhos, todos os devotos, pessoas que quiserem participar desse momento festivo que nós fazemos com muito amor.”

Assim, a Festividade de São José da Família Perna revela-se como uma prática que articula religiosidade, memória coletiva, tradição familiar e identidade cultural, sendo fundamental para a valorização do patrimônio imaterial da cidade de Abaetetuba.

Em seguida, ao ser questionada sobre o significado do mastro, Bárbara afirmou:

“O Mastro tem vários significados. Primeiro, porque ao ser colocado, ele já traz alegria, ele traz cantoria, ele traz música, ele traz dança, ele traz a bandeira que indica qual é o santo que está sendo festejado, ele traz as frutas que simbolizam a fartura que a gente reza para ter em todas as mesas, durante todo o ano, tem as flores, simbolizam alegria, harmonia, amor, tudo isso traz uma paz, para trazer a paz para cada família. Para mim é isso, o mastro. E ao ser retirado, ele deixa também a alegria porque ele volta com a música, com banda acompanhada de vários instrumentos, de percussão, de sopro, de prato, de chocalho, né? E aí ele deixa também aquela alegria e má. Também ao ser retirado o final daquela festividade, que no próximo ano a gente vai ter novamente. Já vai deixar já uma alegria já acompanhada de uma saudade.”

Ou seja, o mastro é um tronco de madeira, com a bandeira do santo que está sendo festejado. Além de ser enfeitados por flores e frutas. Ele representa uma espécie de outdoor, um anúncio, à margem da rua e em frente da residência, representando assim, que a casa está festejando o santo que está na ponta do mastro, na bandeira, que é no caso São José que a família festeja.

Além disso, conforme destacam Nascimento e Paula (2014, p. 308), antes de 1962, era comum que as pessoas aprendessem orações, cantos, o terço, a ladainha e outros elementos das cerimônias religiosas por meio da escuta. A repetição constante e a convivência comunitária permitiam que esses saberes fossem assimilados de forma oral e memorizados pelas pessoas, mesmo sem compreensão plena do latim, idioma litúrgico predominante à época. Essa prática evidencia o papel da oralidade e da vivência coletiva na transmissão cultural e religiosa.

Como se observa, a cultura desempenha uma função essencial no processo de aprendizagem, promovendo não apenas a troca de saberes, mas também o diálogo entre diferentes formas de expressão e identidade. Através da ladainha — manifestação religiosa e cultural enraizada em Abaetetuba — podemos compreender a riqueza e a relevância da cultura local enquanto instrumento de formação identitária e educativa. A ladainha, nesse contexto, não é apenas uma prática litúrgica, mas uma expressão simbólica da fé e da história de um povo, transmitida de geração em geração.

Além de sua função religiosa, a ladainha pode ser compreendida como uma festa popular de rua, de natureza católica, que celebra não apenas eventos religiosos, mas também aspectos históricos e culturais da comunidade. Essas festas são responsáveis pela manutenção da memória coletiva, da identidade cultural e do sentimento de pertencimento social. Trata-se

de um verdadeiro intercâmbio cultural, que se expressa nos festivais regionais e permite que diferentes tradições sejam compartilhadas, assimiladas e valorizadas, promovendo uma convivência multicultural harmoniosa.

Sobre os ritmos que acompanham a ladainha — tanto os instrumentos tradicionais quanto os atuais —, questionei a entrevistada Bárbara Perna sobre a função e o significado desses elementos no contexto da festividade. Ela afirmou:

“Na nossa Festividade, os instrumentos que acompanham são da Banda Nazaré, uma bandinha conhecida, composta por instrumentos de sopro e percussão. Eles nos acompanham nos hinos religiosos, tanto no Círio quanto na procissão e nas ladainhas, que fazem parte das noites religiosas da festividade, no momento de colocar e tirar o mastro, entre outros momentos”.

A Banda Nazaré é formada por alguns membros da própria Família Perna, além de amigos e músicos da tradicional Banda Carlos Gomes de Abaetetuba. Entre os instrumentos utilizados destacam-se: tarol, bombo, saxofone, trompete, trombone, pratos de bateria, entre outros. Essa configuração revela uma evolução significativa em relação aos instrumentos utilizados antigamente, que eram majoritariamente confeccionados artesanalmente, como chocalhos e tambores rústicos, evidenciando uma adaptação aos recursos disponíveis e à modernização sem perder o vínculo com a tradição.

A prática da ladainha pode, portanto, ser compreendida como uma potente forma de educação patrimonial, pois nela se transmite valores, crenças, técnicas, símbolos e saberes acumulados ao longo do tempo. Participar das festividades, preparar a ramada, confeccionar o mastro, organizar os eventos e cantar as ladainhas constituem práticas pedagógicas comunitárias, que envolvem todas as gerações. Por meio dessas vivências, crianças, jovens e adultos aprendem sobre a importância da fé, da solidariedade e da valorização das tradições locais.

Assim, mais do que um rito religioso, a Festividade de São José promovida pela Família Perna representa um verdadeiro laboratório cultural e pedagógico, onde a memória e a identidade do povo abaetetubense são preservadas e recriadas continuamente — um exemplo vivo de educação não formal e comunitária, que forma sujeitos e fortalece laços sociais.

### 3. A Ladainha na atualidade e sua relação com a educação e a política cultural.

Fonseca (2003, p. 68-9) chama a atenção para o fato de que a História Cultural pode ampliar o olhar para as práticas cotidianas da educação, por meio das quais homens e mulheres se formam. Cultura e Educação, abre brecha para analisar processos educativos, vivenciados nas práticas cotidianas de sujeitos comuns, a exemplo da ladainha e seus movimentos culturais.

Dessa maneira, compreende-se como prática educativa “toda relação em que há transmissão de conhecimento de qualquer espécie, seja de caráter moral, religioso, técnico ou até mesmo escolar” (CUNHA; FONSECA, 2005, p.1).

A observação e a escuta são formas fundamentais de aprendizagem no contexto da ladainha. Aprender se dá por meio da prática: ao observar e participar das atividades culturais, como cortar bandeirinhas para a ramada, ajudar na ornamentação do mastro ou mesmo tentar tocar um instrumento musical. Cada uma dessas ações implica numa forma de “meter a mão na massa” e aprender fazendo, no convívio comunitário. Trata-se de uma aprendizagem coletiva e intergeracional, na qual ocorre uma rica troca de saberes, reforçando vínculos afetivos e culturais.

A Festividade de São José, com a ladainha como elemento central, configura-se, assim, como um espaço formativo. Os envolvidos aprendem sobre valores, práticas e costumes de sua comunidade de origem, resgatando tradições locais que fortalecem a identidade cultural. É uma vivência que ultrapassa os limites da religião formal e assume dimensões pedagógicas, sociais e culturais. Por meio dessas práticas, os indivíduos desenvolvem habilidades manuais, sensibilidade musical, senso de coletividade e respeito à ancestralidade, além de despertar a curiosidade pelo entendimento de suas raízes.

Ao ser questionada sobre o estado atual da prática da ladainha em Abaetetuba, não apenas no âmbito familiar, mas também em outras comunidades da cidade, a senhora Bárbara Perna compartilhou:

“Tem muita dificuldade em relação à resposta da ladainha, as mulheres que respondem a ladainha. Hoje em dia já é difícil a gente encontrar pessoas que sabem responder uma ladainha antiga. Até por isso que a gente já modernizou. Quando a gente vê que as pessoas não sabem responder, ou que pedem pra gente cantar a ladainha em português, que é mais fácil, a gente já faz o canto de ladainha em português, que é a ladainha de Nossa Senhora, em português”.

O depoimento evidencia uma das principais transformações nas práticas culturais tradicionais: a necessidade de adaptação à realidade atual. A dificuldade em encontrar pessoas que saibam responder à ladainha antiga, tradicionalmente cantada em latim, leva à adoção de versões em português para facilitar a participação dos fiéis.

Historicamente, a ladainha é entoada em forma de diálogo: o capitulante (ou rezador) inicia as invocações, e o povo responde. No entanto, devido ao ritmo contínuo e ao tempo prolongado de aproximadamente uma hora sem pausas, torna-se desgastante para o próprio capitulante cantar e responder sozinho, especialmente quando o público desconhece a estrutura tradicional.

Essa mudança revela, portanto, não apenas um desafio contemporâneo para a preservação da tradição oral, mas também a capacidade de reinvenção das comunidades para manter viva sua devoção e garantir a participação coletiva. Mesmo com as adaptações, a essência da fé e da celebração permanece, reafirmando a importância da ladainha como patrimônio cultural imaterial e ferramenta de educação comunitária.

A aprovação da Lei Adir Blanc (Lei nº 14.017/2020) representou um marco significativo para a valorização e a preservação das culturas tradicionais e populares no Brasil, especialmente no contexto da pandemia de COVID-19. A legislação destinou recursos emergenciais a artistas, coletivos e espaços culturais que se encontravam em situação de vulnerabilidade, garantindo a continuidade de manifestações culturais que estruturam a memória e a identidade de diversas comunidades.

LEI Nº 14.017, DE 29 DE JUNHO DE 2020, Art. 1º Esta Lei dispõe sobre ações emergenciais destinadas ao setor cultural a serem adotadas em decorrência dos efeitos econômicos e sociais da pandemia da Covid-19. (Artigo com redação dada pela Lei nº 14.150, de 12/5/2021, vetado pelo Presidente da República, mantido pelo Congresso Nacional e publicado no DOU de 11/6/2021).

Por fim, perguntei a ela se existe valorização da parte dos nossos governantes, para o incentivo e ajuda da Festividade da sua Família.

“Somente dos projetos do Estado, sempre tem uns projetos da SECULT, pelo Adir Blanc, pelo Preamar, assim como tem várias que fazem, tipo de trabalho, não só na religiosidade, mas na parte de dança, de canto, de artes, arte, várias coisas. E o meu pai, ainda em vida, ele foi agraciado em ganhar o projeto do Adir Blanc. E eu, como capitulante feminina, na minha religiosidade, eu fui contemplada com o Preamar e o Adir Blanc, juntamente com meu pai, que foi um projeto de pai para a filha”.

O projeto da Família Perna, ao ser contemplado por esta lei, obteve reconhecimento institucional como expressão viva do patrimônio imaterial brasileiro, evidenciando que tradições passadas de geração em geração podem, e devem, ser valorizadas pelas políticas públicas culturais. Através do apoio da LAB, foi possível fortalecer as práticas da ladainha, reestruturar instrumentos, melhorar a organização das festividades e ampliar a participação da comunidade local.

Os depoimentos evidenciam a força simbólica da Ladainha como elo entre passado e presente. A transmissão oral, o uso de instrumentos musicais (antigos e modernos), a montagem da ramada, a elevação do mastro e a organização da festa representam um conjunto de saberes e fazeres que constituem um verdadeiro currículo cultural comunitário.

A Festividade atua como um espaço de aprendizagem coletiva, onde as crianças aprendem valores, técnicas e significados culturais que ultrapassam os conteúdos escolares. A conquista de editais como a Lei Aldir Blanc e o Preamar evidenciam reconhecimento institucional, mas ainda são insuficientes frente à ausência de políticas públicas contínuas de valorização cultural.

Nesse sentido, a valorização da ladainha como bem cultural se insere naquilo que se compreende como educação patrimonial, pois, ao mesmo tempo em que se celebra a religiosidade popular, promove-se também a aprendizagem sobre as raízes históricas, artísticas e espirituais da comunidade. Como destaca Fonseca (2003), os saberes que circulam em práticas culturais como a ladainha não são menos legítimos do que aqueles transmitidos nas escolas — eles formam sujeitos, constroem valores e moldam visões de mundo.

A pedagogia da cultura, nesse contexto, opera como instrumento de resistência, reconhecimento e pertencimento. A ladainha, quando vista como prática educativa e cultural, permite à comunidade compreender sua história, reinterpretar suas tradições e projetar sua identidade para o futuro. Fortalecer projetos como o da Família Perna significa investir em processos formativos que respeitam os saberes locais e a multiplicidade das formas de educar.

Apesar de sua força simbólica e de sua importância para a identidade cultural local, a ladainha tradicional enfrenta hoje múltiplos desafios. O desinteresse de parte da juventude, a ausência de políticas públicas permanentes de fomento à cultura popular e o avanço de práticas religiosas midiáticas e comerciais contribuem para a diminuição de práticas como essa. Além disso, o saber oral, se não for registrado, corre o risco de se perder com o falecimento dos guardiões da memória.

É urgente, portanto, que o poder público, as instituições educacionais e a sociedade civil desenvolvam estratégias de preservação e valorização. Registros audiovisuais, inserção da temática nas escolas, incentivos a projetos culturais e formação de jovens lideranças são algumas das ações possíveis para garantir a continuidade da tradição.

A prática da Ladainha da Família Perna, além de ser uma celebração religiosa, é um ato pedagógico e político. Através dela, saberes são transmitidos, identidades são reforçadas e a cultura local é mantida viva. O reconhecimento como Ponto de Cultura deve ser ampliado para garantir sustentabilidade e continuidade às tradições que educam, acolhem e transformam.

Este estudo reforça a importância de olhar para os saberes populares como parte legítima do processo educativo, valorizando práticas que, embora fora da escola, ensinam com profundidade sobre pertencimento, fé, memória e coletividade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Festividade de São José da Família Perna, realizada na cidade de Abaetetuba-PA, representa muito mais do que uma manifestação religiosa; trata-se de uma expressão cultural viva, que sintetiza aspectos históricos, identitários, simbólicos e pedagógicos de uma comunidade que resiste ao tempo por meio da oralidade, da prática e da coletividade. O presente trabalho buscou compreender, por meio de entrevistas, observações e estudos teóricos, como essa tradição funciona como instrumento de educação patrimonial e como se articula com a memória, a fé e os saberes locais.

Foi possível perceber que a ladainha, enquanto elemento central da festividade, atua como mecanismo de transmissão de valores e conhecimentos intergeracionais. Ao ser cantada em família e na comunidade, ela não apenas reverencia o sagrado, mas também reafirma vínculos sociais, resgata memórias e consolida um sentimento de pertencimento. Esse processo, muitas vezes invisibilizado pelas políticas públicas e pelas instituições formais de ensino, revela-se como uma potente forma de educação não escolar, onde o aprender se dá pela escuta, pela observação e pela prática, em um contexto coletivo de troca de saberes.

As falas de Bárbara Perna foram fundamentais para demonstrar como a vivência da festividade ainda permanece enraizada na vida cotidiana das famílias, apesar das transformações sociais, culturais e religiosas que vêm ocorrendo. A adaptação das ladainhas, por exemplo, do latim para o português, evidencia tanto a necessidade de inclusão e compreensão por parte das novas gerações, quanto o esforço em manter viva a essência da tradição. Trata-se de uma resistência criativa, que revela o dinamismo da cultura e a sua capacidade de se reinventar sem perder sua base simbólica.

Por outro lado, o trabalho também evidenciou as fragilidades que ameaçam a continuidade dessa prática, como a falta de incentivo por parte do poder público municipal, a escassez de políticas culturais voltadas para a valorização do patrimônio imaterial, e a ausência de espaços formais para o registro e o ensino dessas tradições populares. Diante disso, este estudo também assume um papel político, no sentido de contribuir para o reconhecimento e visibilidade da Festividade da Família Perna como um bem cultural relevante para o município de Abaetetuba e para o Pará como um todo.

A análise da festividade permitiu, ainda, perceber como elementos materiais — o mastro, a ramada, os instrumentos musicais, o munguzá — estão intrinsecamente ligados ao simbólico, funcionando como mediadores de memória e identidade. Cada detalhe da celebração carrega consigo histórias, sentidos e ensinamentos que são compartilhados em comunidade, reforçando o papel educativo dessas práticas. Assim, compreendemos que a festividade não é apenas um evento religioso ou folclórico, mas um verdadeiro espaço de formação humana, onde se aprende a valorizar a ancestralidade, o respeito à fé alheia, a solidariedade e o trabalho coletivo.

Do ponto de vista pedagógico, a Festividade da Família Perna pode e deve ser compreendida como um exemplo de educação patrimonial viva. Ela se configura como uma prática que desafia o modelo escolar tradicional e propõe uma nova forma de aprender: pela experiência, pela emoção, pelo corpo e pela convivência. Por isso, torna-se fundamental que os educadores, pesquisadores e gestores públicos reconheçam essas manifestações como parte do processo formativo dos sujeitos, especialmente em contextos em que a escola formal ainda apresenta limitações em dialogar com os saberes locais.

Acreditamos, portanto, que o reconhecimento da ladainha como um patrimônio cultural imaterial precisa ser acompanhado de ações concretas de valorização, documentação e apoio institucional. Projetos escolares, políticas culturais e programas educativos voltados para as tradições populares devem ser incentivados para que práticas como a da Família Perna não desapareçam diante da homogeneização cultural promovida pela globalização e pela lógica mercadológica. A Lei Aldir Blanc foi um passo importante nesse sentido, mas ainda é preciso consolidar uma política permanente de fomento à cultura popular e comunitária.

Por fim, reafirmamos que a preservação da Festividade de São José da Família Perna não é apenas um compromisso com a memória de um povo, mas um ato de resistência cultural e de afirmação da diversidade. Esta pesquisa procurou, com sensibilidade e rigor, lançar luz sobre uma manifestação que resiste pelo afeto, pela fé e pela vontade coletiva de manter vivas as raízes de um território marcado por sua pluralidade e riqueza cultural. Que este estudo possa inspirar novas pesquisas, ações educativas e políticas públicas comprometidas com a valorização das culturas tradicionais da Amazônia e do Brasil.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. História oral: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

ABAETETUBA (Município). História e cultura de Abaetetuba. Abaetetuba: Prefeitura Municipal, 2023.

BEZERRA, J. R. A economia tradicional de Abaetetuba. Belém: UFPA, 2009.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1974.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação popular. São Paulo: Brasiliense, 2010.

BRASIL. Lei nº 14.017, de 29 de junho de 2020. Dispõe sobre ações emergenciais destinadas ao setor cultural a serem adotadas durante o estado de calamidade pública. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 30 jun. 2020.

BURKE, Peter. A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Difel, 1990.

CUNHA, Maria Isabel; FONSECA, Maria da Conceição. Educação, cultura e práticas cotidianas: interfaces possíveis. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 93, p. 1-15, 2005.

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yonna. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. EM: *O Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: ArtMed, 2006, p.15-41.

FONSECA, Maria da Conceição. *Cultura e educação: diálogos possíveis*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

IBJE, Cidade de Abaetetuba, 2021.

LEI-14017-29-junho-2020-790359-norma atualizada-pl.

NASCIMENTO, Valter; PAULA, Marcelo. O Concílio Vaticano II e a liturgia. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, v. 14, p. 305-320, 2014.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento e silêncio*. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

SILVA, Carlos Eduardo. *A Ladainha na tradição católica*. Belo Horizonte: Vozes, 2012.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.